

A (não) influência da cultura negra na prática litúrgica protestante brasileira.

José Rômulo de Magalhães Filho*

O Brasil vive uma grande diversidade cultural. As várias culturas que chegaram ao nosso país, somada com a variedade de culturas aqui já existentes trouxeram a nossa Pátria Mãe uma realidade diferenciada em relação a outras nações. Nossa formação enquanto nação tem influência africana, européia, oriental, moura, norte-americana.

Ao contrário das Américas, seu sangue europeu limitou-se, durante os três primeiros séculos, quase que exclusivamente ao português. Este sangue europeu, mais o africano e o indígena misturaram-se livremente numa nova linha sanguínea desde os inícios mesmos da imigração européia. (HAHN, 1989, p. 47)

Gilberto Freyre ao se referir a esta miscigenação brasileira diz: “Todo brasileiro, mesmo o mais claro e louro, traz consigo, em sua alma, quando não no corpo também... a sombra, ou ao menos a marca de nascença do índio ou do negro.” (FREYRE, apud. HAHN, 1989, p. 53). Esta diversidade de raças, traz consigo naturalmente uma variedade de se relacionar com o sagrado. Com os portugueses a vertente mais tradicional do catolicismo romano chegou ao Brasil. Desde a saída de Cabral, que iniciou com uma missa cantada, na capela ainda em construção no mosteiro de Belém, assistida pelo próprio rei de Portugal, D. Manuel e sua corte, celebrada pelo Bispo Ortiz, que assim abençoou a viagem do almirante Cabral (HAHN, 1989), até chegar em terras brasileiras, e cumprir seu papel de fiel devoto, e com a sua tripulação, assiste missa celebrada pelo frei Henrique.

Com os índios uma forma de religião animista, com um fetichismo próprio, onde o culto aos espíritos e aos ancestrais era celebrado, logo atingiu os portugueses, que tinham em sua religiosidade católica romana, elementos semelhantes. “As índias, mulheres de portugueses, soldados, colonos e administradores, criavam seus *filhos mamelucos* transmitido-lhes a cultura e as crenças indígenas, religião e superstições.” (HAHN, 1989, p. 48). Mas é com a imigração africana que o Brasil mais se enriquece no campo religioso. Durante quase quatro séculos de tráfico negreiro para as terras brasileiras, foram trazidos de quatro a cinco milhões de africanos.

Salvador e a região do Recôncavo, na Bahia, são lugares que distinguem por terem recebido, no decorrer dos séculos, homens e mulheres de quase todos aqueles pontos do continente africano (...) A organização do culto religioso na Bahia denominada candomblé, termo de origem bantu, reúne crenças, tradições e elementos litúrgicos presentes em muitas dessas culturas de diferentes partes da África, recriando-as e reelaborando-as a partir de situações de enfrentamento e resistência. (BOTAS, 1996, p.20)

Neste bojo de culturas, e de formação do povo brasileiro, também se faz presente o protestantismo. A primeira tentativa se deu ainda no século XVI, quando tentou-se implantar uma colônia protestante no Brasil, em 1555. Uma tentativa de aventureiros franceses, hugenotes fugitivos, e calvinistas movidos por desafios missionários. O primeiro culto protestante foi celebrado em 10 de março de 1557, por dois pastores franceses (HAHN, 1989). Mas é com os holandeses (1630–1654) que chega-se a estabelecer uma comunidade protestante organizada no Brasil. “Capelães da Igreja Reformada Holandesa vieram com soldados e marinheiros e pastores vieram com os colonos.” (HAHN, 1989, p. 62). Durante o governo holandês, uma denominação protestante se instalou no Brasil, trazendo assim para essas terras tropicais, sua cultura, sua forma de celebrar e perceber o mundo.

* TEXTO PUBLICADO NA REVISTA CIENTIFICO – DA FACULDADE RUI BARBOSA, EM 2004. Mestrando em Ciências da Família, pela UCSAL, licenciado em Filosofia. Professor de

Com a invasão dos holandeses chegou a igreja reformada. Ela não nasceu da semente da pregação, mas foi transplantada como uma muda. À semelhança de todos os outros aspectos da vida holandesa, também a igreja foi transplantada para o Brasil. Inicialmente seriam igrejas da conquista, como as implantadas pelos conquistadores ibéricos na América do Sul, cem anos antes, para depois se transformarem em igrejas de imigrantes, que cresceriam também como igrejas missionárias. Basicamente, todavia, seriam também *igrejas da conquista*. (SCHALKWIJK, 1986, p. 99)

Partindo desta variedade de culturas e das muitas influências religiosas recebidas pelo povo brasileiro, este artigo tem o pretense objetivo de refletir sobre o culto protestante brasileiro e a influência por ele recebido da cultura negra. Até que ponto a religiosidade dos afro-descendentes influenciaram a forma de celebrar dos protestantes estabelecidos no Brasil? Como o protestantismo histórico e o pentecostalismo relacionaram-se com a cultura africana?

O culto protestante e sua chegada ao Brasil

Pensar em culto, em celebração é estar discorrendo sobre liturgia, isto significa pensar em festa, em ação ritual, “realizada por uma comunidade de pessoas reunidas pela fé em Jesus Cristo no Espírito Santo, enquanto povo sacerdotal, chamado a colaborar com Deus na salvação da humanidade.” (BUYST, 1990, p. 17). Esta forma de perceber a liturgia é influenciada pelo conceito elaborado no concílio Vaticano II. Assim, liturgia, tanto no catolicismo romano quanto no protestantismo histórico tem haver com a vida diária de cada cristão. Liturgia é pois uma forma de adoração, “a verdadeira adoração, ainda que oferecida na terra, é conectada nos céus ... a adoração alarga nossos horizontes e nos descentraliza de nosso ego, enfraquece nossos temores,

altera nossas perspectivas e nos mostra o lado digno do nosso trabalho diário.”
(SANTOS, 1998, p.137).

O culto protestante tem pois sua a sua centralidade no Deus Criador, e deve levar cada um dos seus participantes a uma experiência com Deus, que deve ser refletida no seu viver diário, tanto na sua comunidade de fé, quanto no meio social que ele está inserido (família, trabalho, sindicato...).

No culto cristão, a iniciativa pertence a Deus. Isso se baseia no fato de que, no relacionamento com o ser humano, é sempre Deus quem dá o primeiro passo. Deus cria, Deus busca, Deus perdoa, Deus dá poder. No culto, é Deus quem congrega a sua Igreja para adorá-lo e servi-lo; é Deus quem revela ao seu povo o seu amor, manifesto em Jesus Cristo; é Deus quem ilumina a sua Palavra pelo seu Espírito, a fim de que sua vontade seja conhecida; é Deus quem une homens e mulheres, crianças e adultos, a fim de que todos sejam um, tendo um só coração e uma só alma.

Deus redime o ser humano em Jesus Cristo para a comunhão com ele e de uns para com os outros, como membros da Igreja. O culto cristão é um ato comunitário, isto é, trata-se de uma resposta da Igreja ao poderoso ato de redenção que Deus realiza em Jesus Cristo.

Ao cultuar a Deus, o ser humano atende a vocação divina e reconcilia-se com o seu semelhante. Recebendo a sua graça, passa então a viver uma vida nova em alegre obediência, segundo os valores do reino de Deus, lutando para que a paz e a justiça prevaleçam na terra. Em comunhão com Deus e voltando-se para o próximo, perceberá a cada dia o propósito redentivo de Deus para todas as criaturas. (IPIB, 1999)¹

O culto cristão sempre teve uma característica comunitária. Os sacramentos que foram instituídos por Jesus de Nazaré, segundo o protestantismo, são sacramentos especificamente comunitários: batismo e eucaristia. O batismo é o ato ritualístico de aceitação por parte do indivíduo da fé cristã, e ao mesmo tempo um rito de inicialização na comunidade. Já a eucaristia é a festa onde a comunidade celebra juntamente a morte e ressurreição do seu Senhor. Esta característica comunitária é percebida desde cedo pelos Pais da Igreja. Justino (150 d.C.), referindo-se ao culto cristão, diz:

¹ Ordenações Litúrgicas da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil - IPIB. Aprovado pela Assembléia Geral em 13 de novembro de 1999.

Depois de termos lavado desta maneira (batizado) aquele que se converteu e deu seu consentimento, o conduzimos aos irmãos reunidos para em comum oferecer orações por nós mesmos, por aquele que foi iluminado e por todos os homens do mundo [...] Ao terminar as orações, mutualmente nos saudamos com o ósculo da paz e, logo, traz-se ao presidente o pão e um cálice de vinho com água. Ele os recebe oferecendo-os ao Pai de todas as coisas num tributo de louvores e glorificações [...] Chamamos este alimento de eucaristia: ninguém pode participar dela a não ser aquele que, crendo que nossas doutrinas são verdadeiras. (JUSTINO, apud. BETTENSON, 1998, p. 123)

Na idade média o culto cristão perdeu algumas de suas características. A centralidade do culto deixou de ser o Deus Criador, a proclamação do Evangelho deu lugar a discursos acadêmicos e políticos, e o povo deixou de participar da celebração, tornando-se apenas espectadores. (AMORESE, 1995; WOLTERSTORFF, 1998). A Reforma protestante do século XVI trouxe o povo de volta a participação das celebrações. Lutero passa a realizar os cultos em alemão, sua língua *mater*, traduz as Escrituras, e a disponibiliza para o povo (LESSA, 1976).

Mas é em Genebra, sob o comando de João Calvino que o culto cristão protestante passa a ter uma grande importância na vida do povo. “João Calvino... deu especial atenção ao culto, por causa de seu significado pragmático e teológico... O culto é o centro da vida em comum da comunidade cristã.” (LEITH, 1997, p. 287). A Reforma protestante possibilitou que a sociedade ocidental, cristã e católica romana, fosse questionada e confrontada em seu modo de cultuar o Deus Criador e de viver a sua fé.

O protestantismo brasileiro é fruto desta reforma. Na segunda metade do século XIX, chega ao Brasil os primeiros missionários protestantes, vindos da Inglaterra e dos Estados Unidos. Os dois primeiros missionários, Robert Kalley (1809-1888) e Ashbel Green Simonton (aaaaa - 1867) eram de origem reformada, herdeiros diretos da reforma calvinista. O culto protestante brasileiro tem uma característica tipicamente

reformada, mesmo com o advento do pentecostalismo a partir da primeira metade do século XX.

Esta influência reformada é observada, por exemplo, na implantação e vida das comunidades protestantes ainda hoje. A Escola Dominical, instituição criada na Inglaterra no final do século XVIII, por Robert Raikes, foi a grande promotora do protestantismo no Brasil (HAHN, 1989). Na Escola Dominical, que geralmente é dirigida por leigos, se ensina as Escrituras, se inicia na doutrina evangélica, aprende-se os primeiros cânticos e desenvolve-se o espírito comunitário característico do protestantismo. Ainda hoje, as igrejas protestantes brasileiras, quer históricas, quer pentecostais, mantêm a herança da escola dominical. E a sua influência é refletida nas outras celebrações dessas comunidades.

Protestantismo e cultura brasileira

Já pode se perceber pelo menos duas coisas no que até já foi dito: que o Brasil é um país mestiço por formação e que o protestantismo é europeu de nascença. Como imaginar este protestantismo europeu chegando a uma nação cheia de credos, lendas, cultos, misticismos? Depois das tentativas frustradas tanto dos hugenotes quanto dos holandeses, o protestantismo chega definitivamente junto com os imigrantes europeus no século XIX, ingleses, alemães e americanos. Entretanto, só em 1855 é que chega oficialmente o primeiro missionário protestante no Brasil, o Dr. Robert Kalley. Com ele a igreja protestante inicia começa a realizar cultos em português, não para imigrantes, mas para todo o povo, é o início do trabalho de evangelização, o chamado protestantismo de missão. Seguindo Kalley, outros missionários chegam ao Brasil, presbiterianos (1859), batistas (1889), dentre tantos. E protestantismo vai ocupando seu

espaço. Mas com uma característica muito peculiar, é uma igreja branca, tipicamente ligada a classe média brasileira.

Kalley, por ser médico e inglês, faz amizade com a família real brasileira, e usando sua influência com o imperador D. Pedro II, implanta a Igreja Evangélica Fluminense. Esta sua preferência vai mostrar qual o seu público alvo. Esta preferência faz com que as chamadas Sociedades Missionárias estrangeiras, ligadas a igrejas protestantes nos Estados Unidos (principalmente) e Inglaterra, optassem por uma forma de propagação do evangelho: a implantação de escolas protestantes para jovens brasileiros. Escolas estas que tinham um custo muito elevado para a maioria da população brasileira, tendo acesso a ela uma pequena parcela da população.

Pondo em prática os princípios de uma “propaganda indireta dos ideais de uma civilização cristã nos moldes protestantes, de acordo com A.G. Mendonça, os missionários procuraram penetrar na sociedade brasileira no nível educacional de duas formas diferentes: ideologicamente, através da criação de grandes colégios, com a finalidade de alcançar e influir na formação de indivíduos da classe alta da sociedade; e instrumentalmente, com a finalidade de auxiliar no proselitismo e manutenção do culto na camada inferior da população, onde havia grande número de analfabetos. [...] a proposta de evangelizar através da educação ia além do simples objetivo de levar o indivíduo a mudança de religião... Desta forma, as escolas protestantes abriam as suas portas para receber principalmente os filhos das famílias das classes média e alta da sociedade brasileira, com a finalidade de convertê-los ao protestantismo se possível. (SANTOS, 1999, 27-29)

Percebe-se assim uma preferência deste ramo do protestantismo pelas camadas mais bem **abastadas** da sociedade, esta preferência era justificada pela finalidade de se instituir no hemisfério sul uma civilização cristã protestante, democrática, e economicamente desenvolvida.

Sendo os Estados Unidos da América no final do século XIX o grande celeiro missionário, o Brasil recebia portanto missionários das mais variadas partes do EUA. Os missionários oriundos do norte daquele país vinham com uma mentalidade mais urbana, teologicamente mais abertos ao diálogo cultural. Entretanto, missionários vindos do sul eram favoráveis a escravidão, racistas, e teologicamente mais influenciados pelos

movimentos de avivamento que começavam a surgir nos EUA, o que não possibilitava nenhuma forma de aceitação de elementos culturais brasileiros, quer nas celebrações, quer na prática da vida diária.

No final do século XIX, movidos por um sentimento nacionalista, influenciado pelos ideais do positivismo, alguns líderes protestantes brasileiros começam a pregar uma independência da igreja brasileira em relação as sociedades missionárias estrangeiras. Propondo que as estratégias de evangelização e tomadas de decisões fossem tomadas por brasileiros. Alguns grupos se separam das sociedades estrangeiras, provocando assim cismas em alguns grupos protestantes brasileiros. Entretanto, este novo momento no protestantismo brasileiro, mesmo que aproximando mais a igreja protestante de camadas desfavorecidas, não abriu espaço para que o protestantismo brasileiro descobrisse a riqueza cultural que tem o Brasil. A igreja continuou a pensar como igreja estrangeira. Havia uma aversão a tudo que fosse *católico*, e as manifestações culturais brasileiras, indígenas e negras, eram confundidas com as manifestações católicas, logo eram consideradas *ímpias, mundanas, diabólicas*.

As celebrações adotadas pelo protestantismo histórico eram pautadas em modelos norte-americanos, e não consideravam o jeito de ser brasileiro, como afirmava Gilberto Freyre, referindo-se aos baianos: “...o comportamento de populações negróides como a baiana – alegre, expansiva, sociável, loquaz... Na Bahia tem-se a impressão de que todo dia é dia de festa. Festa de igreja, com folha de canela, bolo, foguete e namoro.” (FREYRE, 1992, p. 288-289). O protestantismo no Brasil desprezou este elemento, imputando aquele que se convertesse a nova religião uma cultura diferente da sua e de seus ancestrais. A proposta é um rompimento com o “velho homem”, para se tornar uma “nova criatura”, entenda-se estes conceitos neo-testamentários como: o

único e correto modelo de vida cristã, que inclui a forma de celebrar e cultuar ao Deus Criador é a do hemisfério norte.

Com a chegada do chamado movimento pentecostal no Brasil (1910), novas expressões litúrgicas surgem, entretanto cheio de elementos bem distantes do que poderia se chamar de cultura brasileira. O silêncio, sinônimo de reverência, característico das comunidades protestantes históricas, dão lugar as palmas; a centralidade do culto na exposição bíblica, é substituída por testemunhos espontâneos, e orações simultâneas; o órgão passa a dar lugar a outros instrumentos, considerados profanos, como o violão e o acordeão. A música era ainda importada, os livros usados para propagar a fé, traduzidos. Os heróis e símbolos todos norte-americanos. Mudanças começaram a acontecer, mas ainda havia uma distancia de tudo o que se assemelhasse a manifestação cultural brasileira.

O culto afro na contra-mão do protestantismo

Diferente do protestantismo, a religião que veio com os africanos, retirados a força de seu continente por cristãos europeus, não teve o objetivo de fazer prosélitos. Ela veio com os negros, e serviu como instrumento de esperança, como elemento unificador de uma raça, como resistência a uma exploração branca. Neste sentido o religião vivida pelos negros em terras brasileiras está na contra-mão do protestantismo.

Diferente do cristianismo, católico ou protestante, não chegou aqui impondo costumes, desprezando outras religiões, desconsiderando raças. Não era uma religião de imigrantes, mais uma resposta de fé e esperança de um povo expulso de sua própria terra. Para os cristãos algo semelhante ao ocorrido com Israel quando em cativo, vive a esperança em Javé de voltar feliz para a sua terra:

Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, éramos como os que estão sonhando.
 Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cânticos. Então se dizia entre as nações: Grandes coisas fez o Senhor por eles.
 Sim, grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres.
 Faze regressar os nossos cativos, Senhor, como as correntes no sul.
 Os que semeiam em lágrimas, com cânticos de júbilo segarão.
 Aquele que sai chorando, levando a semente para semear, voltará com cânticos de júbilo, trazendo consigo os seus molhos. (SALMO 126)

Há uma necessidade de no protestantismo se afirmar as ações de Deus na história. Muitas das meditações fazem referencia a como Javé agiu em Israel e como seu poder desbancou os seus inimigos. Há no protestantismo praticado no Brasil hoje uma cultura de restauração de práticas judaicas, que vão da guarda do sábado, a celebração de festas tradicionais judaicas, como tabernáculos e primícias. Os testemunhos, cada vez mais presente nas celebrações protestantes, quer históricas ou pentecostais, sempre apontam pra o Deus que agiu. No *candomblé*² as divindades e poderes divinos atuam no presente, no aqui e agora (BOTAS, 1996), há uma intervenção constante na vida do indivíduo, possibilitando uma experiência diária com estas divindades.

A teologia africana tem como base uma religiosidade antropocêntrica, pautada na experiência. Diz Paulo Botas:

1. A epistemologia da teologia africana intui que a realidade só pode ser entendida por meio da experiência participatória (rituais e símbolos);
2. A *ontologia* intui que a realidade é holística – sem uma divisão clara entre matéria e espírito – e nela os poderes cósmicos da vida desempenham papel decisivo;
3. A hermenêutica intui que uma pessoa interpreta corretamente a sua religião e participa da experiência adequada. É fundamental interpretar as religiões outras a partir não apenas da experiência grega, européia ocidental mas da africana, jamais contemplada para a leitura das outras religiões. (BOTAS, 1996, p. 23-24)

Esta forma de conceber teologia, trás elementos que o cristianismo, e em especial o protestantismo desprezou no caminhar de sua história. A experiência

² “O *candomblé*, do nosso ponto de vista, é o resultado da reelaboração de diversas culturas africanas, produto de várias afiliações, existindo, portanto, vários *candomblés*”. (BARROS, 2001, p. 91)

participatória, exposta na teologia africana foi uma dos pontos altos da reforma protestante, que se diluiu na prática litúrgica ritualista, sem uma participação efetiva da comunidade, recuperada pelos pentecostais. A visão holística proposta pela teologia africana, vai ao encontro de um evangelho integral, e não de uma teologia dicotômica, influenciada por um platonismo arcaico, que despreza o corpo, supervalorizando a alma. Neste ponto o protestantismo é cheio de contradições. Se por um lado valoriza o corpo, anunciando sua ressurreição, e dando a ele *status* de templo do Espírito Santo, por outro lado, o condena, pregando a salvação “da alma”. Se os protestantes históricos têm uma visão neste ponto mais próxima da teologia africana, que é a o pensamento do Evangelho de resgate e cuidado com o próximo, vestindo, dando-lhe de comer, restaurando sua dignidade, se distanciam quando não deixa o corpo falar em suas liturgias. Já os pentecostais, não teologizam sobre questões do corpo, mais pulam, dançam, expressam toda a sua corporeidade nas celebrações.

O senso de comunidade, de irmandade vivido nas comunidades negras, é extremamente pedagógico, principalmente quando vivemos em uma sociedade marcada pelo individualismo ocidental, onde a busca pelo poder passa pela destruição do outro. Nas irmandades oriundas do candomblé percebe-se uma manutenção daquela esperança de um dia voltar a terra-mãe, necessitando para isso manter-se unidos para fortalecer a fé e a esperança.

Aquele ou aquela que não é capaz de produzir a ternura humana com a natureza e com seus semelhantes, é impotente para viver e conhecer os mistérios do amor e da justiça de Xangô e Oya. [...] Xangô vela e zela pela lealdade no amor, pela verdade na comunidade, pela honestidade e não-acumulação no cotidiano da existência, onde encontramos, reconhecemos e partilhamos o fogo humano de nossos irmãos e irmãs. (BOTAS, 1996, p. 83-84).

Solidariedade, companheirismo, fraternidade que foram se dispersando no protestantismo. Este ramo do cristianismo no último século teve duas grandes

preocupações: crescer a todo custo – daí o proselitismo; e se preocupar com questões de ordem teológica. A prática de fé das comunidades ficaram em segundo plano. E é justamente neste ponto que o protestantismo histórico e o pentecostalismo tem mais se afastado dos princípios do Evangelho: comunhão – koinonia. O candomblé, com sua valorização do outro trás a cena este elemento esquecido pelo protestantismo.

Protestantismo histórico, pentecostalismo e culto afro.

Há 20 anos em algumas igrejas protestantes do Brasil não eram permitido o uso de palmas, nem a presença de instrumentos musicais profanos, tais como bateria, atabaque, agogô etc. Os estilos musicais eram americanos ou europeus, muito raro uma canção com uma musicalidade brasileira. **Reagee**, nem pensar. Algumas coisas começaram a mudar. Hoje já se encontra uma variedade de instrumentos, de ritmos e estilos musicais. Há comunidades que se especializaram e criar novas canções, para “animar” as celebrações. O que mudou, a igreja protestante histórica, o pentecostalismo ou o povo brasileiro está mais globalizado?

Quero retomar o sentido de liturgia apresentado no começo deste texto. Liturgia como ação ritual, “realizada por uma comunidade de pessoas reunidas pela fé em Jesus Cristo no Espírito Santo, enquanto povo sacerdotal, chamado a colaborar com Deus na salvação da humanidade.” (BUYST, 1990, p. 17). Liturgia é pois uma forma de adoração, “a verdadeira adoração, ainda que oferecida na terra, é conectada nos céus ... a adoração alarga nossos horizontes e nos descentraliza de nosso ego, enfraquece nossos temores, altera nossas perspectivas e nos mostra o lado digno do nosso trabalho diário.” (SANTOS, 1998, p.137). Este conceito coloca a celebração litúrgica dentro do ideal reformado, põe Deus no centro da celebração.

A questão fundamental no culto é a proximidade de Deus ... como o Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo que a nós se revelou. Todo verdadeiro culto é modelado não pelos desejos humanos, mas pela manifestação que Deus faz de si mesmo. [...] O culto não deve apenas estar correto, mas deve também ser compreendido... O culto como a fé, é um ato pessoal completo. (LEITH, 1997, p. 287).

A idéia de povo sacerdotal, trás para a comunidade de homens e mulheres a responsabilidade da adoração, o que afasta por completo aquela influência norteamericana de uma comunidade de líderes e liderados. Ser reformado é viver a fé na comunidade, sendo parceiro de Deus na construção de uma sociedade mais justa, fraterna, alegre, espontânea, feliz. Aqui há espaço para o negro, o índio, branco, o pentecostal, o protestante histórico, o europeu, o asiático, para homens, mulheres, crianças.

Hoje há mais negros nas comunidades pentecostais graças as suas manifestações litúrgicas possibilitarem uma maior identificação com suas origens. Origem de uma raça sofrida, marginalizada, alegre, não presa a dogmas. Mais um preço foi pago para que nas comunidade pentecostais esta parcela da população se encontrasse. A abdicação de uma herança cultural – religião, música, dança etc.

Teologicamente seria no protestantismo histórico o espaço para se viver um cristianismo sem abandono de sua herança cultural. Mas o que no Brasil chegou não foi capaz de construir comunidades verdadeiramente brasileiras, onde a mistura de raças e variedade de se conceber o sagrado construiriam um cristianismo original. Com a racionalidade européia, a mística e a alegria africana, a sabedoria indígena, a paciência dos orientais, a garra dos latinos...

É com uma sensação de pesar que encerro este texto, pois mesmo vendo o crescimento numérico dos chamados evangélicos, não vislumbro um protestantismo brasileiro. O que percebo é sim, cada vez mais, uma distância entre o protestantismo

histórico, a religiosidade afro e o pentecostalismo. E quem perde somos nós, o povo brasileiro.

Referências

AMORESE, Rubem Martins. **Celebração do evangelho** – compreendendo culto e liturgia. 2ª. edição. Viçosa: Ultimato, 1995.

BARROS, José Flávio Pessoa de. Xangô... a história que a escola ainda não contou. In: VALLA, Victor Vincent (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã**. 3ª.edição. São Paulo: ASTE, 1998. p. 118-140.

BOTAS, Paulo. **Carne do Sagrado** – edun ara. Devaneios sobre a espiritualidade dos orixás. Rio do Janeiro: Vozes, 1996.

BUYST, Ione. **Como estudar liturgia** – princípios de ciência litúrgica. 2ª.edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. p. 9-56.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. **Ordenações Litúrgicas**. Disponível em: <<http://www.ipib.org/downloads>. Acesso em: 20 de dezembro de 2003.

LEITH, John H. **A tradição reformada**. Uma maneira de ser a comunidade cristã. Edição revisada. São Paulo: Pendão Real, 1996. p.289-313.

LESSA, Vicente Themudo. **Lutero**. 5ª.edição. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

SANTOS, Leontino Farias. **Educação: libertação ou submissão**. São Paulo: Simpósio, 1999.

SANTOS, Valdeci dos. Refletindo sobre a adoração e o culto cristão. In: **Fides reformata**. V. III, No. 2, julho-Dezembro de 1998. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. p. 137-148.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e estado no Brasil holandês – 1630 – 1654**. Recife: FUNDARPE, 1986. p. 97 – 145.

WOLTERSTORF, Nicholas. A liturgia reformada. In: McKIM, Donald (editor). **Grandes temas da tradição reformada**. São Paulo: Pendão Real, 1998. p. 233- 294.